

PARA UMA SUMA DO SABER: A CULTURA DO HUMANISMO NO RENASCIMENTO

Marília dos Santos Lopes¹
Universidade Católica Portuguesa
Sociedade Científica

Agrilhoados pelas algemas das especialidades, os investigadores e estudiosos das diferentes áreas do saber caminham, por vezes, lado a lado, sem criarem um conhecimento mais vasto e alargado ou estabelecerem pontes de entendimento entre as diferentes perspectivas de análise e abordagem. Não é assim de surpreender que se encontrem, por vezes, temáticas ou zonas do saber como que à margem do conhecimento, à margem do fluir histórico.

Este o caso que pretendemos expor. De um lado, temos as obras dos estudiosos do humanismo, conhecidos pela descoberta da Antiguidade Clássica, do outro lado os estudos dos investigadores da história da expansão europeia e as suas descobertas além-mar.

Assim, os estudiosos do humanismo, convictos da inestimável relevância do legado clássico, não atribuíram, durante muito tempo, grande importância à possível ressonância das viagens marítimas nos destinos e trabalhos oriundos da pena de humanistas. Esta redução do

¹ Marília dos Santos Lopes, licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi colaboradora científica no Centro de Investigação de História da Expansão Europeia da Universidade de Bamberg (Alemanha), onde obteve o grau de doutor, título este que lhe foi reconhecido pela Universidade de Coimbra. Realizou e publicou, em Portugal e no estrangeiro, vários trabalhos de investigação na área da História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa como bolsista do DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst), ICALP, Günther-Findel-Stiftung (Wolfenbüttel), Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e DFG (Deutsche Forschungsgemeinschaft). Entre 1996 e 2006 foi professora auxiliar e coordenadora da área de História da Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa, em Viseu. Actualmente é professora auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa em Lisboa e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC). Entre as obras publicadas destacam-se: [Ed. com T. Beck e C. Rödel:] *Barrieren und Zugänge. Die Geschichte der europäischen Expansion. Festschrift für Eberhard Schmitt zum 65. Geburtstag* (Wiesbaden, 2004); *Ao cheiro desta canela. Notas para a história de uma especiaria rara* (Lisboa, 2002); *Da Descoberta ao Saber. Os Conhecimentos sobre África na Europa dos Séculos XVI e XVII* (Viseu, 2002); *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma Iconografia dos Descobrimentos* (Lisboa, 1998); [Ed. com U. Knefelkamp e P. Hanenberg:] *Portugal und Deutschland auf dem Weg nach Europa. Portugal e a Alemanha a caminho para a Europa* (Pfaffenweiler, 1995).

PARA UMA SUMA DO SABER: A CULTURA DO HUMANISMO NO RENASCIMENTO

humanismo à latinidade teve origem na tradição de obras como as de Paul Oskar Kristeller,² Walter Ullmann,³ ou August Buck⁴ que definiram o humanismo como uma maturação do humanismo medieval. Outros autores, como por exemplo, Eugénio Garin,⁵ sublinharam, pelo contrário, o início de uma nova época seguindo a voz dos coevos que entoavam hinos de alegria à luz do momento, sem deixarem, contudo, de reconhecer o peso da herança greco-romana. Visto como continuidade ou ruptura, o humanismo seria, em grande medida, entendido como herdeiro da Antiguidade Clássica e, por isso, profundamente devedor dos seus valores e modelos.

Numa mais precisa definição de humanismo dever-se-ia, aliás, falar de humanistas em vez de humanismo, dado que, como afirma Luís de Matos,⁶ não podemos testemunhar apenas um único e consensual humanismo, mas, pelo contrário, distintos humanismos e, sobretudo, humanistas, que ilustram as diferentes faces do mesmo poliedro.

Os investigadores da história da expansão europeia, em contrapartida, preocuparam-se primeiramente em compreender o desenrolar das diferentes etapas e o conseqüente impacto além-mar, pelo que quando começaram a debruçar-se sobre a recepção e a influência na Europa procuraram obviamente a marca de modernidade que a empresa marítima incutiu a esta época. Que mudanças, que inovações trouxe e representou a descoberta e o encontro com novas terras e novas gentes, este o fundamental escopo investigativo das suas pesquisas. Inicialmente os humanistas não foram, por isso, considerados dos primeiros interlocutores na busca de factores de mudança. Partindo igualmente do pressuposto que o seu olhar estaria mais voltado para o passado e para as vozes do mundo clássico, descurou-se, de certa forma, o seu papel na recepção das novas novidades.

2 Veja-se, por exemplo, Paul Oskar Kristeller, *Tradição Clássica e Pensamento do Renascimento* (Lisboa: Edições 70, 1995)

3 Veja-se, por exemplo, Walter Ullmann, *Medieval Foundations of Renaissance Humanism* (London: Cornell University Press, 1977).

4 Ver, entre outros, August Buck, *Zu Begriff und Problem der Renaissance* (Darmstadt: Wiss. Buchges., 1969).

5 Veja-se, por exemplo, Eugenio Garin, *O Renascimento: história de uma revolução cultural* (Porto: Telos editora, 1972), *O Homem Renascentista* (Lisboa: Presença, 1991), ou *Idade Média e Renascimento* (Lisboa: Bertrand, 1994).

6 Veja-se a entrada “Humanismo Português” no *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão (Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1968), III vol., 231-235.

PARA UMA SUMA DO SABER: A CULTURA DO HUMANISMO NO RENASCIMENTO

Levando à letra os clamores de confiança e optimismo que as primeiras fontes coevas determinavam, alguma produção historiográfica viu os homens dos séculos XV e XVI maioritariamente como "homens-novos" fortemente imbuídos de uma consciência de mudança.⁷ Daí que durante muito tempo os historiadores da expansão tenham tido as suas dificuldades em assinalar e explicar a longa permanência de ideias, valores, concepções antigas ou medievais ainda presentes na época nova, dado que não se enquadravam maioritariamente no quadro da modernidade.

Uma das grandes obras de referência sobre o Renascimento e, em particular, sobre a influência destes homens-novos é *Die Kultur der Renaissance in Italien* da autoria de Jacob Burckhardt que, vinda a lume em 1860, logo teria também os seus ecos em Portugal. Poucos anos depois da sua edição já o insigne historiador Joaquim Pedro de Oliveira Martins procurava aplicar o modelo burckhardiano a Portugal, vendo na Geração de Avis a força promotora da modernidade em terras lusitanas e em D. João II o príncipe perfeito tão almejado pelos homens novos italianos.⁸ Como salienta Burckhardt, aos homens da primeira geração, aos novos "inquilinos do poder" (João Gouveia Monteiro), seguir-se-iam letrados, amantes das letras, profundamente empenhados no conhecimento e divulgação do legado clássico, tornando-se rapidamente motores essenciais do desenvolvimento e de actividades culturais. Se já nos finais do século XV vão chegar a Portugal representantes deste movimento intelectual, vindos directamente da Itália, como o tem vindo a demonstrar Américo da Costa Ramalho,⁹ o certo é que a sua influência se circunscrevia a alguns círculos, na sua grande maioria, ligados à Coroa.

Se, em Portugal, se comunga de uma mesma atmosfera de mudança e inovação, os historiadores atestam que o maior impulso de mudança não proviria do humanismo como na Itália, mas das viagens marítimas, como o destacou Joaquim Barradas de Carvalho na sua análise sobre a especificidade do Renascimento português. Assim, logo no início do seu estudo, e em resposta a Jacob Burckhardt e a outros, o autor afirma: "Começarei por dizer

7 Como o exemplo de Duarte Pacheco Pereira. Veja-se Joaquim Barradas de Carvalho, *O Renascimento português: em busca da sua especificidade* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1980).

8 Veja-se Joaquim Pedro de Oliveira Martins, *Os Filhos de D. João I* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1891).

9 Américo da Costa Ramalho, *Para a história do humanismo em Portugal* (Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988).

PARA UMA SUMA DO SABER: A CULTURA DO HUMANISMO NO RENASCIMENTO

que, evidentemente, o conceito de renascimento é muito mais amplo do que o conceito de humanismo.

Assim, haverá renascimentos mais ou menos humanistas. Haverá renascimentos nos quais o conceito de humanismo cobre quase inteiramente o conceito de renascimento. Haverá renascimentos nos quais o conceito de humanismo não cobre senão uma pequena parte, algumas vezes mesmo muito pequena, do conceito renascimento.

Ora parece-nos que este último é indiscutivelmente o caso de Portugal.¹⁰

Toadvia, e apesar das diferentes realidades e vivências, deslumbram-se atitudes imbuídas de uma mesma vontade: a de redefinir o mundo e o lugar do homem nesse mesmo mundo. Levará o seu tempo até que, na historiografia da época moderna, se testemunhe esta postura. Estudos pontuais irão, contudo, pouco a pouco, delinear novos trilhos. Começa-se por assinalar, por exemplo, que uma obra como a *Utopia* e o seu célebre autor, Thomas More, não se podem compreender sem as descobertas de novos mundos,¹¹ ou que a obra do letrado e jurista Konrad Peutinger é, para além do resultado de um discípulo dos autores clássicos, também a de um leitor interessado pelas viagens marítimas, e que Damião Góis, ao mesmo tempo que era um discípulo e amigo de Erasmo de Roterdão, se revelou um inestimável mensageiro das novas de outros mundos além-mar precisamente entre célebres humanistas da Europa, tal como os geógrafos Martin Waldseemüller, Sebastian Münster, entre outros grandes letrados, não se teriam destacado, única e exclusivamente, como editores de grandes obras da Antiguidade Clássica, mas principalmente como construtores do novo perfil do mundo moderno. Na verdade, concretizada a circumnavegação do continente africano pelo nauta Bartolomeu Dias, só em 1507, ou seja, dezassete anos mais tarde, Martin Waldseemüller voltaria a editar a obra que, em 1474, tinha sido redescoberta como uma nova visão do mundo: a *Cosmografia* do alexandrino Ptolemeu. O mundo ptolemaico iria, na edição de Matthias Ringmann e Martin Waldseemüller, conhecer vinte novas tabulas. Este é um exemplo bem significativo de como um humanista, mantendo vivo o testemunho da autoridade, não hesita em completar e acrescentar ao sistema conhecido novas informações, contribuindo para uma nova reformulação do orbe terráqueo. Este, aliás, o gesto que, várias e acentuadas

¹⁰ Carvalho, *O Renascimento português*, 9.

¹¹ Vd. Thomas Morus, *Utopia: Estudo introdutório à Utopia Moriana* por José V. de Pina Martins (Lisboa: FCG 2006).

PARA UMA SUMA DO SABER: A CULTURA DO HUMANISMO NO RENASCIMENTO

vezes, se irá repetir. Primeiramente na geografia, depois em muitos outros campos do saber.¹²

Esta uma atitude traditiva levada muito a sério por muitos dos humanistas e que nem sempre foi devidamente valorizada pelos estudiosos desta época histórica.

Com efeito, apego e conhecimento à herança clássica não terá que corresponder a uma exclusão do momento vivido, de desconhecimento da realidade e do presente. Pelo contrário, reforçados e fundamentados no saber livresco, os humanistas irão manter acesa a sua *sapere aude*. Aliás, *curiositas* é o grande lema dos seus trabalhos, ou melhor, das suas vidas. Que não olhassem com interesse e curiosidade para uma tão profunda e inovadora viragem de conhecimento como a que estava a operar perante os seus olhos é que seria de surpreender. E eis que será, em grande parte, a partir das obras destes amantes das letras que se irão reformular concepções, visões, ideias sobre o orbe terráqueo e os seus habitantes.

Na verdade, poder-se-á testemunhar que o seu interesse não se deterá apenas nos campos, aonde as novas notícias trariam novidades ao mundo greco-romano; também o novo, o desconhecido, o exótico lhes irá despertar atenção. Não são estas novidades informações sobre o homem e o mundo que eles tanto anseiam conhecer?

Na verdade, duas vivências de uma realidade – humanistas vivamente interessados no presente e homens novos virados para o passado - tornam-se permeáveis e aliam-se nas obras dos humanistas, que não ficam alheios e indiferentes aos acontecimentos do presente. Nem podiam, uma vez que, na sua aceção, o saber só se poderá alcançar na suma dos conhecimentos.

Valerá ainda a pena levar um pouco mais longe esta reflexão, recordando alguns exemplos de humanistas, e concretamente de humanistas alemães que erradamente se têm definido como possivelmente pouco interessados na recepção e apropriação das viagens de descobrimentos ibéricos.¹³ Ora, logo a seguir à Itália, conhecido berço da modernidade e do humanismo, poderemos destacar o então denominado Sacro Império Romano-Germânico como um dos

12 Marília dos Santos Lopes, *Da descoberta ao saber: Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII* (Viseu: Passagem Editores, 2002).

13 Marília dos Santos Lopes, Os Descobrimentos Portugueses e os novos horizontes do saber nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII, In: *Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, ICALP*, 1987, Nº7/8, 28-40 e Marília dos Santos Lopes e Peter Hanenberg, A Herança Clássica, os Descobrimentos Portugueses e o Humanismo Alemão. In: *Máthesis* 13 (2004), 291-302.

PARA UMA SUMA DO SABER: A CULTURA DO HUMANISMO NO RENASCIMENTO

territórios europeus mais profundamente curioso pela *abertura do mundo* (Luís Filipe Barreto e José Manuel Garcia), mormente algumas cidades alemãs equiparar-se-iam aos mais florescentes urbes italianos no inconfundível interesse e empenho que devotaram à empresa marítima.

Tal como já tivemos oportunidade de demonstrar,¹⁴ não era apenas um interesse comercial que movia os alemães a procurarem incessante e entusiasticamente informes, mormente as incontornáveis relações de viagens, ou a meterem-se a caminho até à Península Ibérica, para *in loco* tomarem conhecimento da existência de estonteantes novos mundos, que eles sabiam ser um sinal da mudança na concepção do mundo.

Um dos primeiros exemplos desta reacção e postura face às novas novidades, e muitas vezes já referenciado, é o do médico e geógrafo Hieronymus Münzer que, vindo de Nuremberga, a sua terra natal, chega à Península Ibérica no ano de 1494. Ciente da importância das suas observações e experiências, Münzer irá deixar um relato que ainda hoje é considerado um inestimável testemunho sobre os primeiros contactos com novos povos e novas culturas além-mar e da sua ressonância e presença em Portugal.

Uma outra figura exemplificativa do papel intermediário entre um saber erudito e uma forte atracção pelo momento presente é a do impressor, notário e autor Valentim Fernandes, dada a estreita e profícua amizade que o ligava a um outro célebre e empenhado humanista, Konrad Peutinger.

Valentim Fernandes, um dos primeiros humanistas a reconhecer a importância da empresa marítima, não ficaria indiferente perante as maravilhosas descobertas e propõe-se "écrire le monde" (Frank Lestringant), uma tarefa comum, alguns anos mais tarde, a muitos geógrafos e eruditos europeus, mas que no dealbar do século XVI se declara manifestamente precoce e singular. Assim, em 1502, edita, em Portugal, a primeira edição europeia de *Marco Polo*, onde procura estabelecer um elo de ligação entre o mundo já conhecido e a mudança recentemente anunciada.¹⁵ A intenção de "corrigir" os horizontes geográficos coevos irá ser também a causa fundamental dos célebres manuscritos a que está associado ao seu nome: o *Manuscrito de*

¹⁴ Lopes, *Da Descoberta ao Saber*.

¹⁵ "Vimos oje cousas marauilhosas." Valentim Fernandes e os Descobrimentos Portugueses. In: *Portugal - Alemanha - África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*. Actas do IV Encontro Luso-Alemão, Coord. A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz, Fernando Clara (Lisboa: Colibri, 1996), 13-23.

PARA UMA SUMA DO SABER: A CULTURA DO HUMANISMO NO RENASCIMENTO

Valentim Fernandes. Neste caso, trata-se de uma colecção de escritos relativos às viagens marítimas portuguesas que se veio a encontrar na posse do seu amigo e correspondente, o *Stadtdiener* de Augsburg e humanista Konrad Peutinger.¹⁶

Estes breves exemplos indiciam, desde já, como os humanistas vivenciaram e materializaram o estímulo e o incremento oriundo das viagens marítimas em prol da tão ansiada suma do saber. Ao relacionar estes dois movimentos, o do humanismo e o da descoberta de novos mundos, detectamos proximidades, identificamos práticas similares e reconhecemos, muitas vezes, os mesmos agentes na recepção e apropriação de mundos clássicos, ou de mundos extra-ptolemeus. No entrecruzar de diferentes ângulos e perspectivas redescobrimos que, ao mesmo tempo, que zelavam a *authoritas*, eles também acarinhavam uma atitude de *plus ultra*. Compreender a cultura do humanismo no Renascimento significa rever, entre o legado greco-romano e humanista, o impacto e assimilação da novidade dos novos mundos.

Bibliografia

- Barreto, Luís Filipe e Garcia, José Manuel. 1995. *Portugal na Abertura do Mundo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Descobrimentos Portugueses.
- Buck, August. 1969. *Zu Begriff und Problem der Renaissance*. Darmstadt: Wiss. Buchges.
- Burckhardt, Jacob. 1860. *Die Kultur der Renaissance in Italien*. Leipzig: Seemann.
- Carvalho, Joaquim Barradas de. 1980. *O Renascimento Português: em busca da sua especificidade*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Garin, Eugenio. 1994. *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Bertrand.
- Garin, Eugenio. 1972. *O Renascimento: História de uma Revolução Cultural*. Porto: Telos editora.
- Garin, Eugenio. 1991. *O Homem Renascentista*. Lisboa: Presença.
- Kristeller, Paul Oskar. 1995. *Tradição Clássica e Pensamento do Renascimento*. Lisboa: Edições 70.

16 Dieter Wuttke, *German Humanist Perspectives on the History of Discovery, 1493-1534* (= cadernos do CIEG, nº 27), (Coimbra: Minervacoimbra, 2007).

PARA UMA SUMA DO SABER: A CULTURA DO HUMANISMO NO RENASCIMENTO

- Lestrigant, Frank. 1993. *Écrire le monde à la Renaissance: Quinze études sur Rabelais, Postel, Bodin et la littérature géographique*. Caen: Paradigme.
- Lopes, Marília dos Santos/Hanenberg, Peter. A Herança Clássica, os Descobrimientos Portugueses e o Humanismo Alemão. *Máthesis* 13 (2004), 291-302
- Lopes, Marília dos Santos. Vimos oje cousas marauilhosas. Valentim Fernandes e os Descobrimientos Portugueses. *Portugal - Alemanha - África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*. Actas do IV Encontro Luso-Alemão. Coord. A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz, Fernando Clara. Lisboa: Colibri 1996, 13-23.
- Lopes, Marília dos Santos. 2002. *Da Descoberta ao Saber: Os Conhecimentos sobre África na Europa dos Séculos XVI e XVII*. Viseu: Passagem Editores.
- Lopes, Marília dos Santos. Os Descobrimientos Portugueses e os novos horizontes do saber nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII. *Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, ICALP*, 1987, Nº7/8, 28-40.
- Martins, Joaquim Pedro de Oliveira. 1908. *História de Portugal*. Lisboa: Parceria A.M. Pereira.
- Martins, Joaquim Pedro de Oliveira. 1891. *Os Filhos de D. João I*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Matos, Luís. Humanismo Português. *Dicionário de História de Portugal*. Coord. por Joel Serrão. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1968. III vol., 231-235.
- Monteiro, João Gouveia. Orientações da Cultura da Corte na 1ª Metade do Século XV. A literatura dos príncipes de Avis. *Vértice*, 5, 1988, 84-113.
- Morus, Thomas. *Utopia: Estudo Introdutório à Utopia Moriana* por José V. de Pina Martins Lisboa: FCG, 2006.
- Ramalho, Américo da Costa. 1988. *Para a História do Humanismo em Portugal*. 2 vols. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Ullmann, Walter. 1977. *Medieval Foundations of Renaissance Humanism*. London: Cornell University Press.
- Wuttke, Dieter. *German Humanist Perspectives on the History of Discovery, 1493-1534* (= Cadernos do CIEG, nº 27). Coimbra: Minervacoimbra, 2007.

PARA UMA SUMA DO SABER: A CULTURA DO HUMANISMO NO RENASCIMENTO

Resumo

A partir de alguns exemplos representativos, intenta-se demonstrar como a historiografia do Renascimento, presa a teorias conceptuais, não tem dado a devida atenção ao grande contributo dos humanistas para o conhecimento e a divulgação dos novos informes sobre o orbe terráqueo na época moderna. Os humanistas, apesar do seu apreço ao mundo greco-romano, não ficaram indiferentes às grandes mudanças e novidades divulgadas pela expansão europeia, sendo, muitas vezes, nas suas obras, mesmo quando se tratavam de reedições de obras clássicas, que se difundiram muitos dos novos dados geográficos e antropológicos. Construindo uma inestimável suma de saber, os herdeiros da antiguidade clássica, ao compilarem e debaterem os novos alicerces do conhecimento, foram dos principais mediadores entre o velho e o novo mundo. Conscientes da herança greco-romana, não deixaram de olhar com grande *curiositas* para os desafios que lhe colocava o presente.

Palavras Chave: Humanismo, Renascimento, Expansão Europeia, *curiositas*

Abstract

Analyzing some representative examples this article attempts to show how the historiography of the Renaissance, tied to conceptual theories, has not always given due attention to the large contribution of the humanists concerning the knowledge and dissemination of the recently discovered landscapes and peoples. Despite their appreciation for the Greco-Roman world, the humanists did not keep indifferent to the great changes and news released by the European expansion. In many cases their works were the first to disseminate information on what was called the New World – even when these were reprints of classical texts, carefully completed by those contemporary data and facts. Building an invaluable sum of knowledge, the heirs of classical antiquity were at the same time the main mediators between the old world and the new. Very much aware of the Greco-Roman heritage those humanists looked at the challenges of the contemporary enterprises with the same *curiositas* that led same to the knowledge of the past.

PARA UMA SUMA DO SABER: A CULTURA DO HUMANISMO NO RENASCIMENTO

KEYWORDS: Humanism, Renaissance, European Expansion, curiositas

